

A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E EDUCAÇÃO: UMA FORMAÇÃO ÉTICO-EMANCIPATÓRIA A PARTIR DA PESQUISA

Rosana Souza de Vargas

THE RELATIONSHIP BETWEEN ETHICS AND EDUCATION: AN ETHICAL-EMANCIPATORY TRAINING FROM THE RESEARCH

Resumo: O papel tecnicista dado à educação e as discussões acerca de uma formação voltada para o mercado de trabalho são pautas de muitas discussões aparecendo em muitos trabalhos de pesquisas atualmente. Partindo dessa preocupação, este artigo de pesquisa bibliográfica tem como objetivo principal realizar uma reflexão a partir do papel da ética na sociedade, aprofundando-se na relação entre a ética e educação e em como essa relação pode contribuir para um ensino de qualidade vislumbrando a pesquisa como um caminho alternativo para a formação meramente técnica voltada para o trabalho.

Palavras-chave: Formação ético-emancipatória, pesquisa, educação.

Abstract: The technical role given to education and the discussions about labor market training are patterns of many discussions appearing in many research papers today. Based on this concern, this article of bibliographical research has as main objective to reflect on the role of ethics in society, deepening the relationship between ethics and education and on how this relationship can contribute to quality teaching by glimpsing research as an alternative path to merely technical training geared towards work.

Keywords: Ethical-emancipatory formation, research, education.

1. INTRODUÇÃO

Paulo Freire (1996), em seu livro *“Pedagogia da autonomia: os saberes necessários à prática educativa”*, diz que a evolução do indivíduo em uma formação que vá da ingenuidade à criticidade não se deve dar distante da ética. Isso porque, nós, indivíduos, sendo seres sócio-históricos, com poder de ir e vir, de decidir entre uma coisa ou outra, de dar valor a algo, de intervir, “nos fizemos seres éticos” (FREIRE, 1996, p. 16).

Para o autor “não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela”, pois “só somos por que estamos sendo. Estar sendo, é a condição, entre nós, para ser” (FREIRE 1996, p. 16). Também é possível aliar essa ideia ao conceito do termo *Dasein* que Heidegger (1997) apresenta, de ser-para-a-morte, que consiste em dizer que só paramos de ser algo, quando morremos, uma vez que enquanto vivo o ser está sempre mudando, sempre sendo, sempre se metamorfoseando. Ou seja, enquanto o ser humano está na sua condição de ser que pratica ações e que possui os poderes acima citados, se constitui sempre de ética.

Muitas pesquisas bibliográficas atuais fazem estudos acerca do conhecimento ter se tornado de caráter técnico científico, uma vez que o capitalismo acaba por tomar conta do cenário da sociedade atual moderna, demonstrando extrema preocupação com este fato, uma vez que isto deixa de implicar no ensino como um processo de reflexão e criticidade.

Paulo Freire (1996) há muito já destacava que “transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 1996, p.16). Ou seja, se ao educar um aluno, deve ser levada em consideração a natureza do ser humano, este ensino deve, no mínimo, tratar da ética na formação inicial dos indivíduos.

Considerando que a ética permite a reflexão das relações entre os seres humanos, tendo essa um caráter tão importante na sociedade e para o ser humano, e sabendo que a educação possui a mesma importância, vê-se de forma extremamente relevante os estudos sobre as duas, adentrando-se em seus âmbitos, para investigar como ocorre o processo de relação entre uma e outra e com o que essa relação pode contribuir para ensino atual das disciplinas encontradas nas escolas. Ajudando, dessa forma, ao educando, propondo a reflexão não só em sala de aula sobre o mundo que o cerca, mas também fora dela, visto que “as questões éticas, atravessam, nos mais diferentes níveis, o cotidiano das relações humanas” (OLIVEIRA, 1996, p. 2).

Para tanto, se pretende com este artigo de pesquisa bibliográfica, através de um estudo pautado em autores conceituados como Cortella (2010), Spinelli (2009), Gadotti (2000), Demo (1990; 2007; 2009) entre outros, em um primeiro momento, aprofundar-se sobre o conceito de ética, seu surgimento, qual o seu espaço e importância na sociedade. E em um segundo momento, se pretende apontar como é a sua relação com a educação, essa que é responsável pelo conhecimento

emancipatório e formativo dos sujeitos e como pode contribuir para a formação autônoma e crítica dos indivíduos dentro do âmbito educacional, constituindo, dessa forma, sistema de ensino-aprendizagem completo a partir dos preceitos de dialogicidade da pesquisa.

Portanto, para fins de organização este ensaio estará estruturado em seções, sendo elas: 1. Ética, 2. A ética no âmbito educacional, Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

2. ÉTICA

A ética está muito relacionada às discussões feitas a partir do comportamento humano. É uma temática que se configura atualmente como um dos grandes eixos de preocupação e isto por que propõe reflexões sobre bem e mal, a justiça e a injustiça, o certo e o errado. O termo nasceu na Grécia antiga e se deriva do grego *Ethos*, que significa o “conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social” (MOTTA, 1984, p. 69). Dessa forma, se pode entender que a ética deve visar o bem comum, no seu mais amplo sentido, deve conciliar os interesses individuais com os interesses sociais.

A ética surge a partir do modo como se estabelece, portanto, a relação entre os diferentes tipos de pessoas, comunidades ou classe social, ou então em uma perspectiva global, a natureza, o planeta terra e Deus (BOFF, 2013, s/p). Determina ações que permitem buscar a felicidade e a não aceitação na sociedade, o que acaba por conduzir ao conceito de liberdade e responsabilidade.

É considerada ainda, uma ciência, pois é determinada a partir da racionalidade dos indivíduos, surge do interior do sujeito, a partir da reflexão que sistematiza o conhecimento do mundo, as necessidades individuais e coletivas. Segundo Vasquez (2003, p. 23) a ética “é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano”, dizendo respeito ao conhecimento científico, ela “deve aspirar a racionalidade e objetividade mais completas e, ao mesmo tempo, deve proporcionar conhecimentos sistemáticos, metódicos e, no limite do possível, comprováveis”.

Ética e moral, representam, respectivamente, conduta e costume. Segundo Lalonde (1993), é necessário diferenciar uma da outra, uma vez que a palavra ética

sempre foi aplicada à palavra moral. Para o autor, a ética é uma ciência cujo “objeto são os juízos de apreciação sobre os atos humanos, encarados como bons ou maus” (LALANDE, 1993, p. 348). Ou seja, é o julgamento sobre uma forma de agir, de viver, de se portar etc; são as regras de conduta articuladas à alguma organização ou sociedade. Como exemplo podemos tomar os códigos de conduta de como se portar no trabalho.

A moral, no entanto, é o conjunto de práticas “admitidas em uma época e em uma sociedade determinadas” (LALANDE, 1993, p. 348), em que todas as pessoas deveriam aderir a estas práticas. A palavra moral, segundo Spinelli (2009) deriva do latim *mores* que significa costume, ou seja, é a moral que dita regras, costumes, valores de um indivíduo dentro da sociedade em que ele vive, estando ligada ao “querer fazer” e na tomada de decisões do indivíduo. Já a ética está no âmbito geral da sociedade, significando que um indivíduo ético é um indivíduo de acordo com os padrões, alguém que faz tudo corretamente, do jeito mais certo possível, sem gerar atritos e buscando sempre fazer o que é melhor para todos. De acordo com a ética, se faz o que a sociedade manda e de acordo com a moral, se faz o que acredita ser certo.

Por fim, trazendo ainda uma definição de Cortella (2010, pg.106), a ética pode ser definida como sendo o “conjunto de princípios e valores da nossa conduta na vida junta”. Sendo assim, ética é o que faz fronteira entre o que a natureza manda e o que nós decidimos, sendo aquilo que orienta a capacidade de decisão, julgamento, avaliação etc. É, portanto, o conjunto de regras, princípios, valores, práticas que regem e fazem parte da sociedade que existe com o intuito de melhorar as relações humanas.

Assim como Kant (VANCOURT, 1987) assegura, os fenômenos éticos são aqueles ligados à moral que é incorporada nas práticas e nas instituições de uma determinada comunidade, ou seja, fenômeno este que vai determinar pontos consensuais. As duas, são portanto, práticas que permitem se pensar as relações entre os seres humanos, para que da melhor maneira possível, se possa viver bem e em harmonia, consensualmente, estando, portanto, ética e moral interligadas.

3. UMA FORMAÇÃO ÉTICO-EMANCIPATÓRIA A PARTIR DA PESQUISA

O ideal de uma educação que se preze é que se empenhe em formar e aprimorar a conduta dos indivíduos, de forma que essa venha a ser fundada no respeito a certos princípios fundamentais da vida pública e da dignidade do ser humano, ou seja, o ideal de uma formação para o exercício da cidadania e para a conduta ética está entre os objetivos mais amplos e ao mesmo tempo mais consensuais da ação educativa escolar. A Lei 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, afirma em seu artigo 2º que "a educação (...) inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania" (BRASIL, 1996 *apud* CARVALHO, 2016, p.1). Exercer a cidadania é portar-se de tal maneira na sociedade, contribuindo para a mesma, sendo um ser ético, moral, reflexivo, crítico etc.

No entanto, a documentação oficial educacional, que, de modo geral, visa o esclarecimento e a emancipação humana do cidadão como uma condição para uma vida de plenitude e dignidade acabou por falhar na sua execução, uma vez que suas orientações são muito simplistas e superficiais, sem adentrar questões mais amplas da educação. Por isso é necessário entender que não há como separar educação e ética, uma vez que uma ação educativa também precisa ser uma educação ética.

Parece que Gadotti (2000, p. 3) há muito previa, "é um tempo de expectativas, de perplexidades e da crise de concepções e paradigmas (...). A perspectiva apresentada pelo autor, escrita ainda nos anos dois mil, nos traz à tona um fato muito sério e preocupante, pois parece-nos que tais condições até agora persistem, a educação *ainda* está passando por inúmeros problemas que dizem respeito aos alunos, às gestões, ao aparelhamento das escolas, ao currículo, às leis, à qualidade de ensino etc., que ficam cada vez mais difíceis de serem solucionados, afunilando-se em questões ainda mais estreitas e assustadoras. Problemas esses, que deveriam ter sido solucionados a tempos, tão cedo quanto foram descobertos.

É necessário que ocorra essa busca por soluções, principalmente na revisão de conceitos, teorias e metodologias aplicadas, não excluindo as novas possibilidades de ensino. Dessa forma, entendemos que educar torna-se assim,

Um processo aberto e indeterminado, no qual professores e educandos interagem dialogicamente na busca, não da simples transmissão e reprodução dos conhecimentos já instituídos e predeterminados (como os conteúdos mínimos), mas querendo sempre dialogar em busca da mudança e da construção do senso de alternativa, em que a esperança deve prevalecer

e não se deixar sucumbir ante o primeiro fracasso. Educação, assim compreendida, torna-se diálogo emancipatório que não se desenraiza do contexto dos interesses sociais, políticos e culturais dos sujeitos que dela participam. Eis aí uma dimensão significativa da ética e da educação. (KINN, 2014, p. 164).

A dimensão significativa da ética e da educação dizem respeito a um processo libertador fora da transmissão e reprodução de conhecimentos feitos pelo professor. Diz respeito a dialogicamente construir conceitos, construir uma formação plena, caminhar contra a corrente daquilo que já está posto e assegurado como inquestionável. Diz respeito a questionar, fazer, agir e entender o próprio processo formativo. A ética é um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 25), que propõe a seguinte reflexão sobre a ética, essa que “traz à luz a discussão sobre a liberdade de escolha. A ética interroga sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume” e é capaz de abranger “tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e perante elas, quanto a dimensão das ações pessoais”.

No entanto, o sistema que hoje conhecemos como educação tecnológica, traz uma falsa ideia de continuidade e infinidade, pois tem a ideia de construir as soluções para todos os problemas apontados pelo homem. Esse sistema interfere diretamente no refletir ético/educativo, revelando-nos a incapacidade das perspectivas teóricas tradicionais, as quais visam produzir respostas e propostas capazes de vislumbrar novos caminhos e consciência ética/educacional do aluno. Nessa perspectiva, é necessário que o indivíduo seja capaz de desenvolver pensamentos críticos frente às práticas tecnológicas, pois o conhecimento está sendo transformado em razão instrumental, como forma de manter um controle ideológico na cultura moderna e isso é possível através da real efetivação do estudo da ética como um tema presente nos currículos.

Na relação entre ética e educação, alguns estudiosos (KINN, 2014; FREIRE, 1996) afirmam que há, de fato, um desenvolvimento deficitário. De modo geral, as instituições apenas repassam conhecimentos e saberes escolhidos e terminados, sem buscar um efetivo diálogo com os educandos, mas apenas isso não é o suficiente, pois é retrógrado e impossibilitador de novas descobertas, fazendo com que os alunos se tornem ausentes nas matérias do pensar e refletir sobre os conhecimentos adquiridos.

O reflexo desse déficit está em uma educação que não instiga os alunos à procura e lhes mostra saberes e verdades concretas e inquestionáveis. Podemos notar que na situação atual da sociedade em que vivemos, jovens estudantes, muitas vezes sem o conhecimento de educação ética, aceitam como verdade algo que lhes é imposto/dito, sem ao menos saber como procurar das verdades do fato, pegam aquela razão como sua e defendem a tese sem argumentos ou estudos.

Desse modo, a educação deixa de ser um espaço de diálogo e de crítica construtiva e passa a ser um espaço de resposta e perguntas prontas e inquestionáveis. A educação passa a ser voltada à formação técnica, à preparação de mão de obra para o trabalho, à coisificação do homem. Quanto menos o ser humano pensar, menos irá criticar o sistema e mais rápido se tornará escravo da engrenagem.

Nesse sentido, o papel do professor vem sendo posto em destaque, como Demo (2009) sugere, em função de ser o protagonista do cenário social ligado às chamadas habilidades do século XXI. E bem como a própria expressão “Profissionalização do Professor” nos indica, é intrinsecamente necessário que o docente desenvolva alguns hábitos que são inerentes ao seu processo de profissionalização tais como ler, estudar, refletir e pesquisar para poder dar aos seus educandos uma educação de qualidade. No entanto, é pelo ato de refletir que os demais se fazem concretos. Conforme Schön (2000) é a partir disso que surge um profissional de educação com novas ideias e atitudes, um professor reflexivo e, por sua vez, o professor pesquisador.

Na busca da constituição de uma nova realidade, a pesquisa se insere em termos de conhecimento e educação numa perspectiva ético-emancipatória. Nesta perspectiva, os papéis se invertem, deixando de lado a ditadura de conhecimento dentro da sala de aula realizada pelo professor, valorizando e investindo nas capacidades, tanto de professores quanto de educandos, de produzir diálogos, uma vez que a pesquisa diz respeito a “(...) sempre também dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento do outro para si, e de si para o outro, dentro de contexto comunicativo nunca de todo devassável e que sempre pode ir a pique” (DEMO, 1990, p. 39).

Ou seja, através da pesquisa a educação pode ser um processo que busca pelo esclarecimento e emancipação. Mas é necessário que se entenda que o diálogo que se fala não é o tradicional, que acontece em salas de aulas em que uma pergunta é feita já se esperando o nada como resposta, e sim um processo que se busque

conversar tendo em vista a construção do conhecimento, por parte de educador e de educando, e não da imposição do conhecimento. Dentro do âmbito ético-educacional, o conhecimento deve ser, portanto, uma via de mão dupla que irá permitir liberdade e autonomia aos educandos.

A responsabilidade, para tanto, não recai somente para a escola e alunos, mas também para professores, pois, segundo Sheffler (1978), ensinar envolve muito mais que as razões que levam o aluno a fazer as coisas desse ou daquele modo, devem antes, ser as razões do educador. Ou seja, na atualidade, é de extrema importância que o educador invista em sua formação para se aperfeiçoar, para (re)construir saberes, considerando a necessidade de refletir o entendimento instrutor através de um aspecto ético, pois crê-se que apenas uma educação compreendida em ética, pode auxiliar os alunos a responder questões de existencialismo por si mesmos.

É muito importante destacar o papel do professor, pois entende-se que o educador deve ter a pesquisa como princípio científico e educativo em suas atitudes cotidianas, pois, não se busca nessa perspectiva, um “profissional da pesquisa”, mas um profissional da educação pela pesquisa (DEMO, 2007, p. 2). O princípio da pesquisa é que o professor tenha sempre um olhar científico e principalmente, indagador. Dessa forma o professor deve ser sempre ético e deve estar sempre aberto ao diálogo.

Para Pedro Demo, a pesquisa deve se tornar atitude cotidiana e a maneira escolar própria de educar, pois acredita que a aula copiada, o mero contato entre professor e aluno não garante a aprendizagem, não constrói nada de distintivo e, portanto, não educa mais do que outras vivências informais (DEMO, 2007). Provocar uma mudança nesse modo de ensinar/aprender não é tarefa fácil. “É mais cômodo fingir que se ensina e fingir que se aprende. Superar este pacto da mediocridade é um desafio complexo.” (DEMO, 2007, p. 104).

As aulas expositivas, copiadas, geralmente, são percebidas pelos alunos como cansativas e desinteressantes. Essas aulas tendem a valorizar mais o conteúdo a ser passado do que a construção do conhecimento pelo aluno, bem como a ensinar a copiar e reproduzir informações, o que pode até ser válido para provas reprodutivas e vestibulares, mas não prepara o aluno para pensar por si mesmo, a elaborar com sua própria linguagem, a questionar e questionar-se.

Ainda segundo Demo (2007), é pela pesquisa que o aluno poderá conseguir sair da condição de objeto para tornar-se sujeito participativo, competente, que faz

elaborações próprias e que tem no questionamento reconstrutivo um desafio permanente. Questionar significa duvidar, desconstruir, criticar e intervir, sendo o diferencial da ciência. Já reconstruir significa inserir interpretação própria, formulação pessoal, transformando aquilo que já está posto em um novo conhecimento. Ou seja, o conhecimento deixa de ser inquestionável, deixam-se de lado as “receitas prontas”. O educando passa a ser um parceiro de trabalho, um pesquisador e construtor do seu conhecimento, sendo dessa forma mais ativo e participativo.

Não é possível sair da condição de objeto (massa de manobra), sem formar consciência crítica desta situação e contestá-la com iniciativa própria, fazendo deste questionamento o caminho da mudança. Aí surge o sujeito, que o será tanto mais se, pela vida afora, andar sempre de olhos abertos, reconstruindo-se permanentemente pelo questionamento. (DEMO, 2007, p. 08).

O aluno que precisa entender a sua situação e contestá-la, ele precisa seguir o caminho do questionamento esse que necessita, por sua vez, de competência formal e política, porque pesquisar não é qualquer coisa. O aluno terá a capacidade, a partir daí, de se relacionar na sociedade de forma crítica e autônoma, de olhos abertos para tudo que acontece. No entanto, a educação atual não exige e nem permite isso dos alunos.

Nesse momento, se vê claramente o papel da ética, pois conforme Cortella (2010, pg.106) “A ética é o conjunto de princípios e valores da nossa conduta na vida junta. Portanto, ética é o que faz a fronteira entre o que a natureza manda e o que nós decidimos. A ética é aquilo que orienta a sua capacidade de decidir, julgar, avaliar.” E essa capacidade ética é o que irá orientar aos alunos em suas pesquisas e por isso ela tem esse caráter tão importante.

Pedro Demo (2007; 2009) salienta que a pesquisa exige qualidade formal, visto que um discurso contraditório, mal elaborado, incompleto, nega a razão metódica da ciência, uma vez que torna o texto não discutível, e um texto não discutível é um texto sem valor nenhum. Ao lado da qualidade formal deve andar a qualidade política, sendo essencial compreender que o conhecimento é apenas meio, e que, para tornar-se educativo, precisa ainda orientar-se pela ética dos fins e valores. Conforme o autor, a finalidade específica do conhecimento reconstruído é inovar, e inovar com ética, isto é, com responsabilidade, respeito e autocrítica para que de uma melhor maneira a educação seja atendida de forma a melhorar a formação dos sujeitos nela envolvidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos dentro deste estudo explicitar os conceitos de ética e propor uma reflexão sobre o papel da mesma na educação formativa dos sujeitos e a relação entre as duas, abordando aspectos que dizem da pesquisa e de seu princípio. Como já vimos, a ética tem um papel de caráter muito importante dentro da sociedade e, assim sendo, é extremamente importante que a mesma apareça de forma a ser considerada nas escolas e mais ainda, valorizada dentro da formação inicial. Ressaltando que a educação ética é uma tarefa de toda sociedade, ela não é fruto de um esforço isolado, mas de uma ação conjunta e contínua de todo o entorno social.

O papel da educação na vida de um indivíduo é o de criar um cidadão crítico, que saiba atuar na sociedade e frente à diferentes opiniões, que tenha visão de mundo e que, principalmente, tenha princípios enquanto ser humano. E para que isso ocorra deve-se buscar as melhores maneiras e métodos possíveis. A responsabilidade é de todos, e principalmente do educador e das suas ideologias.

É preciso, também, buscar a libertação desse sistema educacional técnico e buscar o estudo e compreensão da lógica, da filosofia como meio de questionamento, conceituação e de pesquisa. Assim a ética volta a fazer parte da vida e da sociedade como um todo. É extremamente necessário focar no pensamento crítico como forma de educar a sociedade, pois será o sujeito que está na escola, a partir de sua formação, que dará rumo, que irá buscar uma vida plena para si e para todos ao seu redor.

Em vista disso, vê-se como necessário a retomada do conceito de ética dentro da educação relacionada à pesquisa, uma vez que a ética é uma prática social suscitadora de conhecimento que perpassa sempre pelas relações entre os seres humanos e que a pesquisa é capaz de propor a dialogicidade entre aquele que orienta e entre o pesquisador, propondo a construção do conhecimento dentre as relações ético-emancipatórias dos sujeitos.

Referências Bibliográficas

BOFF, L. **Como nasce a Ética**. Instituto Ethos, 2013. Disponível em <<http://www3.ethos.org.br/cedoc/como-nasce-a-etica/#.V0dC6PkrLIU>> Acesso em 25 out 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNs)**. Apresentação dos termos transversais. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, J. S. **Podem a ética e a cidadania serem ensinadas?** Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. pp.1-10 Disponível em: <http://www.rizomas.net/arquivos/Carvalho_podem-a-etica-e-a-cidadania-ser-ensinadas.pdf> Acesso em 25 out 2017.

CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. 9ed. – Petrópolis, RJ, Vozes, 2010.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2007. 131p. (coleção educação contemporânea).

_____. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009. 125 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 96).

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 2ª ed. São Paulo: Cortez editora, 1990.

_____. Aprendizagens e Novas tecnologias. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física* – ISSN 2175-8093 – Vol. 1, n. 1, p.53-75, Agosto/2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Os saberes necessários à prática educativa**. S. Paulo: Editora Paz e Terra. 1996.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. In: *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol. 14, n. 2, abr./jun. 2000.

HEIDEGGER, M. Ser y tiempo. **Tradução para o espanhol**: Jorge Eduardo Rivera Cruchaca. Santiago de Chile. Editorial Universitária, 1997.

KINN, V. G. Reflexões acerca das Perspectivas para a educação no século 21: Uma análise em Perspectiva ético-Filosófica. In.: RUEDELL, A. *et al.* **Filosofia e ética**. 1ª ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2014. pp.157-169.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Fátima Sá Correia, Maria Emília V. Aguiar, José Eduardo Torres e Maria Gorete de Souza. 1993.

MOTTA, N. S. **Ética e vida profissional**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984

OLIVEIRA, R. J. **Ética e educação**: a formação do homem no contexto de crise da razão. Revista Brasileira de Educação, v.2, pp.33-41. 1996.

SPINELLI, M. **Sobre as diferenças entre éthos com epsilon e éthos com eta**. In: Revista Transformação, Marília, vol.32, nº2, 2009: pp.9-44. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v32n2/v32n2a01.pdf>>. Acesso em 25 de out 2017.

SCHEFFLER, I. **A Linguagem da Educação**. São Paulo, Edusp/Saraiva, 1978, pp.70-1.

SCHÖN, D. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VANCOURT, R. **Kant**. Lisboa: Edições 70. 1987.

Vásquez, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 61-82.